

UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA “JÚLIO DE MESQUITA FILHO”
CAMPUS DE OURINHOS
CURSO DE GEOGRAFIA

**OCUPAR E RESISTIR: AS OCUPAÇÕES SECUNDARISTAS NA REGIÃO
METROPOLITANA DE SÃO PAULO E SUAS TERRITORIALIDADES**

OURINHOS - SP

2021

ADAMS HENRIQUE SOARES NUNES MOLON

**OCUPAR E RESISTIR: AS OCUPAÇÕES SECUNDARISTAS NA REGIÃO
METROPOLITANA DE SÃO PAULO E SUAS TERRITORIALIDADES**

Trabalho de conclusão de curso
apresentado para obtenção do título de
bacharelado em geografia.

Orientador: Prof. Dr. Amir El Hakim de
Paula

OURINHOS – SP

2021

M728o	Molon, Adams Henrique Soares Nunes Ocupar e resistir: as ocupações secundaristas na região metropolitana de São Paulo e suas territorialidades / Adams Henrique Soares Nunes Molon. -- Ourinhos, 2021 52 f. : tabs., fotos, mapas Trabalho de conclusão de curso (Bacharelado - Geografia) - Universidade Estadual Paulista (Unesp), Câmpus Experimental de Ourinhos, Ourinhos Orientador: Amir El Hakim de Paula 1. Territorialidade humana. 2. Territórios ocupados. 3. Movimentos estudantis. I. Título.
-------	---

Sistema de geração automática de fichas catalográficas da Unesp. Biblioteca do Câmpus Experimental de Ourinhos. Dados fornecidos pelo autor(a).

Essa ficha não pode ser modificada.

ADAMS HENRIQUE SOARES NUNES MOLON

**OCUPAR E RESISTIR: AS OCUPAÇÕES SECUNDARISTAS NA REGIÃO
METROPOLITANA DE SÃO PAULO E SUAS TERRITORIALIDADES**

Trabalho de conclusão de curso
apresentado para obtenção do título de
bacharelado em geografia.

Orientador: Prof. Dr. Amir El Hakim de
Paula

Aprovado em: __/__/__

Banca Examinadora:

Prof. Dr. Amir El Hakim de Paula

Prof. Dr. Eduardo Donizeti Giroto

Prof. Dr. Timo Bartholl

DEDICATÓRIA

Aos meus professores, Isabel Cristina dos Santos, Ludmila Di Mara Gabriel Vale, Vanilda da Silva, Adriana Marques, Janete Nanini, Amir El Hakim de Paula, Maria Inácia, Ivete Moreno, Everton Marchi, José Cantídio de Sousa Lima (Cipó), Juscelino Rodrigues de Oliveira, Valderéz Coimbra, Hemilene Monteiro, Jonas Moreirá, Renan Moraes, Daniele Santana, Roberta Alves, Marisa Mitiko, Glauber Soares, Gláucio Gonzales, Monica Vanzella, Mariana Schaefer, Aleandresa Farias. Me ensinaram em sala de aula e na vida, sou eternamente grato.

Aos meus amigos, Leandro Alves Teixeira, Alexandre Feliciano, João Paulo Ventura (in memorian), Larissa Andrade, João Luiz Cuani Junior, Marcela Oliveira, Jardel Augusto, Bruno Luiz, Ariel Carvalho, Ana Catharina Mol. Amizades fantásticas, em momentos de angústias e felicidades. Obrigado por todo o apoio e confiança.

À toda minha família. Em especial, meus avós, Alice Honório Molon e Renato Molon (in memorian), e minhas irmãs, Agatha Soares Nunes Molon e Tabatha Aline Soares Nunes Molon. Obrigado por tudo.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a todos os professores, alunos e comunidade que estiveram presentes na luta contra a reorganização escolar no Estado de São Paulo. Em especial, aos professores da E.E Professora Leico Akaishi por estarem ao lado dos alunos em todos os momentos.

Agradeço ao Prof. Dr. Amir El Hakim de Paula por ter me orientado em um processo de grande importância em minha vida. Com paciência e sabedoria me apoiou e me ajudou a superar obstáculos, como amigo e professor. De nossas diferenças surgiram projetos e atividades fantásticas. Muito obrigado!

Agradeço a UNESP – Campus de Ourinhos e todos seus funcionários. Ourinhos não é pequeno e resiste.

Agradeço ao Movimento Estudantil de Ourinhos, Cursinho Popular CACU-O e Centro Acadêmico - Aziz Ab'Saber, pela formação política e luta pela permanência estudantil e uma universidade democrática e da classe trabalhadora.

Agradeço ao Programa Institucional de Bolsas de Iniciação a Docência (PIBID) e Núcleo de Ensino de Ourinhos, por me proporcionarem a experiência da sala de aula durante a graduação.

Agradeço a banca, aos professores Eduardo Donizeti Girotto e Timo Bartholl.

RESUMO

Como resposta ao projeto de reorganização escolar do Governo do Estado de São Paulo, os estudantes secundaristas foram protagonistas de um importante movimento ao ocuparem as suas unidades escolares no ano de 2015. O processo de luta secundarista contra o fechamento de escolas e a reorganização de ciclos educacionais propiciaram um momento de intensa luta pela educação pública. Na Região Metropolitana de São Paulo (RMSP) existiam escolas presentes no projeto de reorganização do governo, sendo a região com a primeira escola ocupada, a E.E Diadema, no município de mesmo nome. As escolas foram ocupadas pelos estudantes, um movimento que se expandiu e se tornou um movimento de nível estadual, tendo como principal característica a transformação da escola, rompendo com uma estrutura hierárquica e um modelo que não favorecia o protagonismo e a participação democrática do estudante. As territorialidades ressignificaram as escolas, mostrando a possibilidade de uma outra Geografia da escola pública.

PALAVRAS-CHAVE: Geografia; Educação; Territorialidade; Ocupações; Secundaristas.

ABSTRACT

In response to the school reorganization project of the Government of the State of São Paulo, high school students were the protagonists of an important movement when occupying their school units in 2015. The process of secondary struggle against the closing of schools and reorganization of educational cycles provided a moment of intense struggle for public education. In the Metropolitan Region of São Paulo (RMSP) there were schools present in the government's reorganization project, with the region with the first occupied school, E.E Diadema, in the municipality of the same name. The schools were occupied by the students, a movement that expanded and became a state-level movement, with the main characteristic of the transformation of the school, breaking with a hierarchical structure with a model that did not favor the protagonist and democratic participation of the student. Territoriality has given new meaning to the school, showing the possibility of another Geography of the public school.

KEYWORDS: Geography; Education; Territoriality; Occupations; Secondary students.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	12
CAP I - REORGANIZAÇÃO E CONFLITO: PRIMEIRAS INTERVENÇÕES .	14
CAP II - A IMPORTÂNCIA DAS OCUPAÇÕES SECUNDARISTAS NA GEOGRAFIA E SEUS MÉTODOS DE ANÁLISE	18
CAP III - A EXPRESSÃO TERRITORIAL E A TERRITORIALIDADE DAS OCUPAÇÕES SECUNDARISTAS	24
CAP IV - DE UMA GESTÃO AUTORITÁRIA À TRANSFORMAÇÃO DA ESCOLA: A E.E PROF.^a LEICO AKAISHI NO MUNICÍPIO DE RIBEIRÃO PIRES/SP	36
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	47
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	49
VIDEOS.....	52

ÍNDICE

MAPAS

MAPA 1: Escolas Estaduais na Região Metropolitana de São Paulo presentes no projeto de reorganização escolar que seriam fechadas (2015)	27
MAPA 2: Escolas ocupadas na Região Metropolitana de São Paulo até a data de 27/11/2015.	34

TABELAS

Tabela 1: Relação das escolas ocupadas na Região Metropolitana de São Paulo (RMSP) – Santo André até o dia 27/11/2015	28
Tabela 2: Relação das escolas ocupadas na Região Metropolitana de São Paulo (RMSP) – Guarulhos até o dia 27/11/2015.....	28
Tabela 3: Relação das escolas ocupadas na Região Metropolitana de São Paulo (RMSP) – Ribeirão Pires até o dia 27/11/2015	28
Tabela 4: Relação das escolas ocupadas na Região Metropolitana de São Paulo (RMSP) – Itapeverica da Serra até o dia 27/11/2015	29
Tabela 5: Relação das escolas ocupadas na Região Metropolitana de São Paulo (RMSP) – Itaquaquecetuba até o dia 27/11/2015	29
Tabela 6: Relação das escolas ocupadas na Região Metropolitana de São Paulo (RMSP) – Osasco até o dia 27/11/2015.....	29
Tabela 7: Relação das escolas ocupadas na Região Metropolitana de São Paulo (RMSP) – Diadema até o dia 27/11/2015.....	29
Tabela 8: Relação das escolas ocupadas na Região Metropolitana de São Paulo (RMSP) – Taboão da Serra até o dia 27/11/2015	30
Tabela 9: Relação das escolas ocupadas na Região Metropolitana de São Paulo (RMSP) – Embu das Artes até o dia 27/11/2015.....	30
Tabela 10: Relação das escolas ocupadas na Região Metropolitana de São Paulo (RMSP) – Itapevi até o dia 27/11/2015.....	30
Tabela 11: Relação das escolas ocupadas na Região Metropolitana de São Paulo (RMSP) – Caieiras até o dia 27/11/2015.....	30
Tabela 12: Relação das escolas ocupadas na Região Metropolitana de São Paulo (RMSP) – Barueri até o dia 27/11/2015.....	31
Tabela 13: Relação das escolas ocupadas na Região Metropolitana de São Paulo (RMSP) – Mauá até o dia 27/11/2015.....	31
Tabela 14: Relação das escolas ocupadas na Região Metropolitana de São Paulo (RMSP) – Jandira até o dia 27/11/2015.....	31
Tabela 15: Relação das escolas ocupadas na Região Metropolitana de São Paulo (RMSP) – Cotia até o dia 27/11/2015.....	32

Tabela 16: Relação das escolas ocupadas na Região Metropolitana de São Paulo (RMSP) – São Bernardo do Campo até o dia 27/11/2015	32
Tabela 17: Relação das escolas ocupadas na Região Metropolitana de São Paulo (RMSP) – Poá até o dia 27/11/2015.....	32
Tabela 18: Relação das escolas ocupadas na Região Metropolitana de São Paulo (RMSP) – Carapicuíba até o dia 27/11/2015	32

IMAGENS

IMAGEM 1: Capa e contracapa da cartilha “Como ocupar um colégio?”	21
IMAGEM 2: Alunos, pais e professores da E.E Prof. ^a Leico Akaishi em manifestação no Palácio dos Bandeirantes – sede do Governo do Estado de São Paulo (10/11/2015)	39
IMAGEM 3: Dia “E” na E.E Prof. ^a Leico Akaishi - 06/11/2015	40
IMAGEM 4: Dia “E” na E.E Prof. ^a Leico Akaishi - 06/11/2015	40
IMAGEM 5: Portão principal da ocupação da E.E Prof. ^a Leico Akaishi (24/11/2015)	41
IMAGEM 6: Acampamento da comunidade na porta da ocupação da E.E Prof. ^a E.E Leico Akaishi/SP	43
IMAGEM 7: Estudantes secundaristas ressignificando o muro da escola ocupada (E.E Leico Akaishi, Ribeirão Pires/SP)	44
IMAGEM 8: Muro da ocupação E.E Leico Akaishi ressignificado,	44
IMAGEM 9: Estudantes secundaristas na ocupação da E.E Prof. ^a Leico Akaishi	46
IMAGEM 10: Estudantes secundaristas na ocupação da E.E Prof. ^a Leico Akaishi – comemoração da revogação da reorganização escolar	47

INTRODUÇÃO

No dia 23 de setembro de 2015, a Secretaria de Educação do Estado de São Paulo (SEDUC) divulgou por meio da mídia um projeto de reorganização escolar da rede pública de ensino. Na notícia veiculada por jornais como Folha de São Paulo, pelo portal da Uol e Secretaria de Educação, além de programas de televisão, como o “Bom dia São Paulo”, da rede Globo, constava o fechamento de 94 escolas, reorganização de mais de 750 e o remanejamento de cerca de 311 mil alunos no Estado de São Paulo. Na elaboração do projeto não houve a participação dos alunos, professores e funcionários, as escolas que seriam reorganizadas não foram consultadas.

Como parte da argumentação para viabilização do projeto de reorganização, foram atribuídos dois principais pontos.

O primeiro seria o número de escolas ociosas, que segundo uma pesquisa do Sistema Estadual de Análise de Dados (SEADE), o Estado até 2015 teve uma redução de 1,8 milhão de alunos matriculados na rede nos últimos 14 anos, havendo a necessidade de uma reorganização nas escolas, propondo o fechamento de unidades, sendo os edifícios públicos disponibilizados para outros fins, como Escolas Técnicas Estaduais (ETEC) e escolas municipais.

O segundo ponto seria a necessidade da divisão das escolas em ciclos, tendo como respaldo um estudo da Coordenadoria de Informação, Monitoramento e Avaliação educacional (CIMA), órgão da Secretaria de Educação do Estado de São Paulo (SEDUC), intitulado “Escolas estaduais com uma única etapa de atendimento e seus reflexos no desempenho dos alunos”.

Ele apontava que o desempenho pedagógico de escolas com um único ciclo em 2014 era 9,4% superior à média geral, corroborando assim na proposta a reorganização de centenas de escolas e desmembramento de ciclos educacionais

As realidades das escolas públicas não condizem com os principais argumentos do governo do Estado, pois têm salas de aula com superlotação e estruturas precárias, enquanto a pesquisa da Coordenadoria de Informação, Monitoramento e Avaliação educacional (CIMA), apenas aborda o fator dos ciclos de ensino, não toda a complexidade e problemática da educação.

Esse processo de reestruturação segue o projeto de municipalização do ensino fundamental, iniciado em 21 novembro de 1995 com o Decreto n. 40.473 (SÃO PAULO, 1995a) que instituía a reorganização das escolas da rede pública estadual, fazendo uma

alteração na distribuição de classes, sendo as escolas organizadas separadas em ciclo básico até a 4ª série, 5ª a 8ª, 5ª a 8ª e 2º grau e 2ª grau.

O governo alegava que nas escolas com ciclos diferenciados de ensino a conclusão do ensino fundamental não se concretizava, havendo muita evasão. Além disso o convívio de estudantes de diversas faixas etárias acarretava um aumento na violência ao estarem no mesmo espaço. Em um parecer do Conselho Estadual de Educação (CEE/674), onde são apontadas considerações no projeto de reorganização de 1995, consta no item 16 a justificativa para a municipalização do ensino fundamental:

Ainda que a proposta da Secretaria da Educação não tenha a manifesta intenção de favorecer o processo de municipalização do ensino, parece-nos, de um lado, ser indispensável que os municípios participem mais efetivamente do financiamento e gestão do ensino fundamental e, de outro, ser muito mais adequado que as escolas que atendam às quatro primeiras séries, em continuidade e articulação com as escolas de educação infantil, passem gradualmente a ser responsabilidade dos municípios. Por isso, é importante que a reordenação da rede de escolas de ensino fundamental, conforme a proposta em exame, seja feita com pleno conhecimento e participação das Prefeituras Municipais. (SÃO PAULO, 1995b)

No final de 1995 o governo estadual promoveu, por meio de adesão, um processo de municipalização, tendo como prioridade as escolas de 1ª à 4ª séries. Em 1996 apenas 6,7% dos municípios tinham aderido. No final daquele ano ocorreu a discussão e criação do Fundo de Manutenção e Desenvolvimento do Ensino Fundamental e Valorização do Magistério (FUNDEF) pelo congresso. Em 2004 as escolas municipais tinham mais da metade das matrículas do ensino fundamental I no Estado e em 2012 chegava a 60%, sendo o Estado ainda responsável por 23% (CURI; SOUZA, 2015).

É possível identificar a primeira etapa deste processo ainda na década de 1960, com a assinatura dos acordos entre o MEC e USAID durante o período militar brasileiro. Tais acordos, consolidados com a publicação da lei 5.692/71, transplantaram para o campo da educação uma série de conceitos e práticas vinculados ao mundo empresarial. Na década de 1990, sob o impacto do Consenso de Washington e de todo o ideário neoliberal, tivemos a realização de uma série de reformas administrativas do Estado brasileiro, iniciadas nos governos de Fernando Collor de Melo e Fernando Henrique Cardoso, com continuidades – apesar de algumas rupturas – nos governos de Luiz Inácio Lula da Silva e Dilma Rousseff. Tais reformas trouxeram impactos evidentes nas políticas educacionais, reforçando a lógica gerencial e tecnicista, e aplicando as metas estabelecidas na Conferência Mundial da Educação para Todos em

Jomtien, Tailândia. Vale destacar que tais políticas contaram com a efetiva participação das principais organizações internacionais –notadamente, Banco Mundial, Fundo Monetário Internacional, Organização para a Coordenação e Desenvolvimento Econômico e Organização Mundial do Comércio – em sua formulação e no processo de implementação em diferentes países. Os mecanismos de implementação são variados, mas passam, necessariamente, pela subordinação e dependência econômica dos países envolvidos às diretrizes desses órgãos que reorientam os gastos sociais (GIROTTI; PASSOS; CAMPOS; OLIVEIRA, 2017, p.87-96)

Atualmente o processo de municipalização dos anos finais do ensino fundamental (6ª ao 9º ano) vem ocorrendo, porém não se apresenta de forma acelerada como na década de 1990. O número de matrículas na rede Estadual ainda supera as das redes municipais (CURI; SOUZA, 2015), mas existiram projetos, como a reorganização escolar de 2015 que fortalecem esse processo, fazendo com que em algum momento somente ensino médio seja responsabilidade do Governo do Estado.

CAP I - REORGANIZAÇÃO E CONFLITO: PRIMEIRAS INTERVENÇÕES

No primeiro semestre de 2015 ocorreu uma das maiores greves dos professores da rede Estadual de educação. Com mais de 90 dias, ela foi marcada por várias reivindicações como a equiparação salarial com demais profissionais de nível superior do Estado, valorização docente e da educação pública. Foram organizadas grandes manifestações e assembleias no interior e na capital, como na Avenida Paulista e Palácio dos Bandeirantes, edifício-sede do Governo.

Os estudantes secundaristas foram às ruas com seus professores, participando ativamente desse momento, disseminando em suas escolas as lutas dos professores em greve, inclusive estando presentes nas assembleias do sindicato.

É importante ressaltar que quando o projeto de reorganização foi anunciado houve uma surpresa geral na escola, demonstrando a estrutura autoritária e antidemocrática dele. A comunidade escolar não esperava que de uma hora para outra tivessem seus estabelecimentos fechados e que os alunos fossem transferidos. Durante semanas os estudantes e professores se mobilizaram e se posicionaram contra o projeto, marcando reuniões com dirigentes de ensino, atos e manifestações em diversas cidades, demonstrando que ele não seria aceito e que haveria resistência.

Durante esse processo houve a circulação de diversos vídeos e entrevistas de estudantes, contribuindo para a divulgação do movimento que estava se iniciando. Em uma das mobilizações o Sindicato dos Professores do Ensino Oficial de São Paulo (APEOESP) convocou no dia 29 de outubro de 2015 uma grande manifestação chamada “Grito pela escola pública de qualidade no Estado de São Paulo”.

Após o anúncio da reorganização em setembro de 2015, os estudantes secundaristas se tornaram protagonistas de um dos maiores movimentos de luta pela educação no Brasil, ao ocuparem em novembro mais de duzentas escolas.

Os estudantes secundaristas se levantaram e mostraram que uma outra Geografia da educação pública é possível. Ocuparam e resistiram.

A primeira escola ocupada no Estado foi a E.E Diadema, antigo Centro Específico de Formação e Aperfeiçoamento do Magistério (CEFAM), localizada na região metropolitana de São Paulo.

Os estudantes que estavam participando das manifestações de rua contra a reorganização escolar tinham o contato com discentes de outras escolas e coletivos. Esse contato interescolar foi fundamental para a articulação deles, bem como o acesso dos secundaristas a uma cartilha elaborada pelo coletivo O Mal-Educado a partir de textos em espanhol da Frente de Estudiantes Libertarios¹ (FEL), movimento secundarista presente na Argentina e Chile.

A cartilha com o nome de “Como ocupar o seu colégio?” (MAL-EDUCADO, 2015), mostrava um plano de ação e noções básicas de organização, como assembleias e comissões, pautando que essa experiência seria horizontalizada e democrática.

No dia posterior à ocupação da E.E Diadema, surgiu um movimento localizado na cidade de São Paulo.

A E.E Fernão Dias foi ocupada pelos estudantes no dia 10 de novembro de 2015, a partir de uma decisão tomada em assembleia. Com o aumento no número de escolas ocupadas, os estudantes se mobilizaram e começaram a se organizar, expandindo muito mais esse processo inicial.

Nesses estabelecimentos onde a dinâmica era determinada pelos estudantes surgiram comissões de limpeza, segurança, comunicação, alimentação e outras para a manutenção da ocupação. Os alunos e alunas traziam colchões, produtos de limpeza e

¹ SECUNDARIOS, Frente de Estudiantes Libertarios - (org.). **¿Cómo tomar un colegio?** 2012. Disponível em: <http://www.fel-arg.org/2012/09/17/como-tomar-un-colegio/>. Acesso em: 25 jul. 2020.

comida, um processo interno que demonstrava que estavam ocupando para derrubar o projeto de reorganização.

A tensão e a repressão começam e se intensificam com o aumento das ocupações. Na E.E Fernão Dias apoiadores aparecem do lado de fora da escola, seguido de viaturas da polícia militar, e em pouco tempo ela estava cercada e o acesso dificultado, já que os discentes tentavam entrar e não conseguiam.

A polícia militar barrava a entrega de mantimentos, colchões e cobertores na tentativa de enfraquecer a ocupação, fazendo com que durante a noite, apoiadores acampassem na frente da escola para manter a segurança.

Nas ocupações, o medo de uma desocupação forçada por meio da polícia militar era constante. A direção dessas escolas confrontavam os estudantes. Mesmo assim o movimento se expandia, ocorrendo a tomada da terceira escola na madrugada do dia 12 de novembro (E.E Salvador Allende), também na cidade de São Paulo (CAMPOS; MEDEIROS; RIBEIRO, 2016).

Nos momentos iniciais do processo de ocupação foram comuns alguns conflitos entre estudantes, professores, funcionários e diretores, sendo que o portão das escolas era um dos principais espaços de conflito, pois diretores e professores que não apoiavam os estudantes alegavam precisar ter acesso aos estabelecimentos, com a alegação de que necessitavam de documentos e objetos pessoais que estavam em suas salas.

Quando a entrada era liberada pelos secundaristas, muitos tentavam sabotar a ocupação para evitar sua consolidação. Temos como exemplo situações nas quais diretores ao entrarem nas ocupações, se trancavam em suas salas, alegando que os estudantes não os deixavam sair e chamavam a polícia militar. Os alunos explicavam que o movimento incentivava a saída de qualquer funcionário das ocupações, desmentindo as situações criadas para desmobilizar o movimento (CAMPOS; MEDEIROS; RIBEIRO, 2016).

Em muitas escolas a polícia militar atuava de maneira a intimidar o movimento. Era comum, durante a noite, policias pararem em frente a elas, coagindo os estudantes, em muitos casos tendo confronto direto com eles e professores que acampavamem frente.

A preocupação de uma possível reintegração violenta era permanente e ficou maior quando o Governo do Estado de São Paulo entrou com o pedido.

Na noite dia 12 de novembro a reintegração é determinada, exigindo que os estudantes teriam 24 horas para que desocupassem os estabelecimentos.

Entretanto, após essa determinação, duas ações começaram a mudar a decisão da reintegração: uma delas partindo do Ministério Público, por parte promotor de Justiça João Paulo Faustinoni e Silva, que compõe o Grupo de Atuação Especial em Educação (GEDUC) e entrou com um pedido de reconsideração da reintegração de posse.

A segunda ação foi do Juiz Corregedor da central de mandatos que antes de expedir a reintegração, optou por convocar uma audiência de conciliação, nela estando presentes Juízes, estudantes, advogados, representantes da APEOESP, procuradores do Estado de São Paulo, conselheiros tutelares, promotores, defensores públicos, representantes da Secretaria de Educação, a diretora da E.E Fernão Dias, oficiais de justiça e representantes do Conselho Estadual de Defesa dos Direitos da Pessoa Humana (CONDEPE).

A audiência de conciliação não teve resultados concretos. As reivindicações dos estudantes, como o controle de quem entra e sai das ocupações e uma reunião com o secretário de educação em uma escola ocupada, não foram atendidas. Em contrapartida o Juiz Corregedor determinou que as escolas fossem desocupadas no dia 14.

Na noite desse mesmo dia o Juiz Luís Felipe Ferrari Bedendi altera a sua compreensão e suspende a reintegração de posse, tendo como argumento a condição das ocupações como um movimento de protesto, legitimando-as, entendendo que mesmo a reintegração de posse acontecendo, não impediria que outras ocupações ocorressem.

Naquele período existiam cerca de nove escolas ocupadas. Por fim, a determinação desse juiz avaliava que o movimento das ocupações secundaristas era composto por adolescentes, sendo a eles assegurados, pelo Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), esses protestos, prevenindo assim a possibilidade de se ter confronto com a polícia militar, bem como o uso de violência em uma desocupação forçada (CAMPOS, MEDEIROS, RIBEIRO, 2016).

A suspensão da reintegração de posse foi uma grande vitória ao movimento secundarista, garantindo a permanência das ocupações e propiciando sua expansão, ocorrendo em todas as regiões do Estado, mostrando que as desocupações só ocorreriam após a revogação, algo que ocorreu com o Decreto 61.692 de 4 de dezembro de 2015, suspendendo a transferência dos integrantes dos quadros de pessoal da Secretaria da Educação.

Junto à expansão das ocupações, o município de Ribeirão Pires, situado na Região Metropolitana de São Paulo, a cerca de 40 quilômetros da capital, presenciou nos meses de novembro e dezembro a ocupação de três escolas que estavam inseridas no projeto de

reorganização, sendo as escolas a E.E Professora Leico Akaishi, E.E Santinho Carnavale e E.E Alvaro de Souza Vieira.

Os estudantes secundaristas em resposta ao projeto de reorganização escolar ocuparam suas escolas, mostrando que se importavam, mesmo com todas as problemáticas envolvendo a hierarquia e sua estrutura.

Mostraram que a escola pode ser diferente, que mesmo as atuais políticas públicas e educacionais que tratam a educação como mercadoria, a escola pode servir ao conhecimento, cultura, comunidade, não como um objeto de desmonte e lucro dos governantes e instituições de educação privada.

CAP II - A IMPORTÂNCIA DAS OCUPAÇÕES SECUNDARISTAS NA GEOGRAFIA E SEUS MÉTODOS DE ANÁLISE

As ocupações não carregam em si uma forma espontânea, resultam de um processo. À vista disso, há a necessidade de se aprofundar a sua complexidade edinâmicas tendo a Geografia e seus conceitos, de maneira que possamos apreender a educação pública, o movimento das ocupações e sua expressividade sobre o território da escola.

Giroto (2018), em um artigo intitulado “Entre o abstracionismo e os territórios de luta: a base nacional comum curricular e a defesa da escola pública”, discorre sobre território e escola pública da seguinte forma:

Diante dessa situação: o que resta a escola e aos seus sujeitos? Na era em que uma parcela cada vez maior de homens e mulheres se tornou desnecessária, qual o sentido da escola pública? [...] As respostas a estas perguntas precisam ser construídas reconhecendo que a potência da escola continua a residir em sua dimensão de território, lugar de encontro, da reunião, da partilha presencial de sonhos, ideias e conflitos. Esta potência da escola como território, se materializou de forma mais intensa nos processos de ocupação feitas pelos estudantes em 2015 e 2016, está presente também no trabalho cotidiano de muitos docentes em salas de aula espalhadas por aí. Está no sonho do projeto coletivo de tantas escolas que leram a si mesmas como lugares de produção de outro projeto de sociedade, menos desigual, violenta, racista e por isso passaram a disputar o currículo não como documento apenas, mas como prática social (GIROTO, 2018, p.28).

Assim, analisaremos as territorialidades, o território da escola, a fim de compreendermos a organização, articulação, comunicação e expansão das ocupações secundaristas. A Geografia da educação pública importa, já que as ocupações secundaristas demonstraram que o estudante não é inerte à construção do saber, do conhecimento e educação pública.

Quando se compreende como território, a escola, por meio dos seus sujeitos, se entende como inacabada, como condição e não produto. Como projeto, desejo, pulsão. Seus sujeitos passam a compreender aquilo que os une, o espaço-tempo que os atravessa, os desafios que se colocam na labuta diária de ser homem e mulher em um mundo que se quer cada vez mais desumano. Lendo a si mesmos, professores e alunos vão construindo a dialogia que se aprende e ensina, conectando e articulando a potência do conhecimento como condição de reapropriação da vida expropriada pelo capital (GIROTTI, 2018, p.28).

Os estudantes no processo de obterem controle sobre a escola contra a reorganização, se organizaram e moldaram a escola a partir de suas concepções, quebrando barreiras que eram postas sobre seus direitos, como acesso a bibliotecas, salas de vídeo, salas de informática, quadras, materiais de esportes e educação que muitas vezes os alunos nem sabiam que existiam.

A necessidade de compreender as ocupações sobre uma abordagem geográfica, com o conceito de territorialidade, está na maneira que os estudantes se expressaram na escola enquanto território e nas novas relações e apropriações constituídas nesse processo.

A importância de se estudar o processo das ocupações secundaristas na Geografia está na ligação dela com as escolas, por meio do ensino, extensão e na pesquisa, com seus conceitos e estudos, fazendo com que possamos apreender o processo secundarista como uma luta pela educação que se expressou no território da escola, fomentando a maneira que a escola e a educação são constituídas, quem são seus agentes e como podemos mudá-la.

Os estudantes secundaristas mostraram outra geografia da educação pública, sendo eles protagonistas em uma complexa ação territorial. Assim, moldaram a escola, a transformaram, resignificaram e por meios dessas relações estabeleceram outra territorialidade. Esse processo mudou muitas relações que são impostas pelo Estado, destacadas a seguir:

É comum a suposição de que a condição precária da educação pública venha acompanhada de um desprezo dos próprios alunos pela escola e pelos professores. Ao longo do processo de mobilização foi verificado o contrário: que, apesar da condição precária das escolas, os alunos têm uma relação positiva com a escola pública (ou o desejo de uma relação positiva projetado no pouco que se tem). Mesmo quando a relação com a escola não é positiva [...] os alunos se mobilizam para salvá-la. (CAMPOS, MEDEIROS, RIBEIRO, 2016, p.28)

A compreensão do processo de luta dos estudantes secundaristas por meio do conceito de territorialidade demonstra que a Geografia carrega em si, enquanto ciência, as ferramentas necessárias para compreensão das ocupações secundaristas e as dinâmicas presentes em sua luta, sendo uma das justificativas para o estudo desse processo.

Como parte fundamental da pesquisa sobre o processo das ocupações secundaristas, foi desenvolvido um levantamento documental e bibliográfico para uma melhor compreensão dos conceitos trabalhados, como a territorialidade e aprofundamento sobre o processo que acarretou as ocupações secundaristas, sua consolidação enquanto movimento e seus reflexos sobre a escola.

O uso do conceito de territorialidade no movimento secundarista se alinha com o ato de ocupar as escolas, na busca de barrar um projeto da Secretaria Estadual de Educação (SEDUC).

Esse conceito pode ajudar a entender melhor a prática secundarista no ano de 2015 e quais foram as relações consequentes desse processo. Como parte do aprofundamento teórico foi usado os trabalhos de Haesbaert (2007), Paula (2015), Fernandes (2009), Giroto (2017) e Campos; Medeiros; Ribeiro (2016).

Durante o desenvolvimento da pesquisa, reunimos vídeos, ilustrações e fotografias das ocupações secundaristas na Região Metropolitana de São Paulo (RMSP) como forma de construir um acervo que nos propiciasse uma melhor compreensão da forma de organização secundarista e como ela se deu na escola, um importante território do Estado.

Tivemos também como foco as características das ocupações, suas dinâmicas e relações, tanto com a escola, quanto com a comunidade, demais estudantes, professores e familiares, partindo da necessidade de se estudar a Geografia das escolas ocupadas e suas particularidades.

No processo de reunir informações sobre as escolas ocupadas, foram obtidos documentos e notas de entidades do movimento estudantil, sindical e social, assim como

boletins diários que faziam relação do número de escolas ocupadas, sendo organizados em listas com nome das escolas e as suas localizações, propiciando a criação de mapas e uma análise territorial da expressão e número de escolas ocupadas na Região Metropolitana de São Paulo.

Com o apoio do documento da Secretaria Estadual de Educação (SEDUC) sobre as escolas que seriam reorganizadas e fechadas, se desenvolveu uma comparação relacionando o número de escolas que seriam reorganizadas por cidade e o respectivo número de ocupações.

Um dos principais documentos de análise foi a cartilha intitulada “Como ocupar um colégio” do coletivo estudantil “O Mal-educado” (MAL-EDUCADO, 2015).

Esse trabalho foi elaborado a partir de documentos da Frente de Estudantes Libertarios² (FEL), movimento secundarista presente na Argentina e Chile que também atuaram contra medidas e ataques na educação dos respectivos governos.

IMAGEM 1: Capa e contracapa da cartilha “Como ocupar um colégio?”



Fonte: MAL-EDUCADO, O (org.). **Como ocupar um colégio?** São Paulo: Coletivo O Mal-Educado, 2015. 8 p.

² SECUNDARIOS, Frente de Estudantes Libertarios - (org.). **¿Cómo tomar un colegio?** 2012. Disponível em: <http://www.fel-arg.org/2012/09/17/como-tomar-un-colegio/>. Acesso em: 25 jul. 2020.

Outro mecanismo de análise foi a conversa com estudantes e professores que ocuparam a E.E Professora Leico Akaishi (Ribeirão Pires/SP). O encontro reuniu representantes dos Grêmios Estudantis “Renato Russo” – Chapa “Somos Tão Jovens”, que durante o período da ocupação estava como entidade estudantil eleita e atuava de forma intensa na organização dos estudantes na luta de seus direitos.

A discussão sobre a escola demonstrou características importantes para nossa análise usando a territorialidade como conceito chave na interpretação da ação prática dos estudantes secundaristas. Foram apontadas as perseguições que estudantes e professores sofreram no processo da greve no primeiro semestre de 2015 e nos momentos de embate com o projeto de reorganização escolar. A comunidade esteve presente, demonstrando a importância da ocupação, sobretudo a organização dos estudantes.

Como forma de entender a relação dos estudantes com a escola, nortearmos o debate nas percepções e pertencimento dos alunos durante aquele período, como processo das lutas dos professores se representou na organização dos estudantes, quais os momentos que se começou a falar sobre ocupar a escola e as estratégias usadas para mobilizar os alunos e comunidade, assim como as relações presentes.

A reunião foi devidamente gravada com a autorização de todos os presentes, fazendo parte do acervo, da Geografia e História das ocupações secundaristas. O vídeo foi disponibilizado no dia 24 de abril de 2021 de maneira democrática nas plataformas digitais com o título “Bate-papo: territorialidade e ocupações secundaristas”³.

As bases teóricas-metodológicas deste trabalho visou associar as práticas dos estudantes com os documentos obtidos, visando utilizar o conhecimento geográfico a luz de um movimento secundarista, que por meio da estratégia de ocupação das escolas, propiciou uma experiência territorial presente em diversas regiões do Estado.

Para o aprofundamento teórico-metodológico, com a abordagem geográfica, é proposto o uso do conceito de territorialidade, não desvinculado do território, já que ambos estão conectados, sendo assim, tendo como norte da investigação as relações territoriais, sobretudo a territorialidade do movimento de ocupação secundarista no Estado de São Paulo no ano de 2015.

O conceito de territorialidade é abordado na presente investigação como conceito-chave para compreender as relações sobre o processo das ocupações das escolas estaduais

³ **BATE-PAPO: Territorialidades e ocupações secundaristas.** Realização de Adams Henrique Soares Nunes Molon, Amir El Hakim de Paula. São Paulo: Independente, 2021. (140 min.), .MP4, son., color. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=l7PrRzxd5pk>. Acesso em: 24 abr. 2021.

na Região Metropolitana de São Paulo (RMSP), propondo uma compreensão do movimento e sua dinâmica sobre a escola.

Haesbaert (2007), ao discorrer sobre as relações presentes no território e a territorialização (antecedendo a discussão sobre a territorialidade), também se baseia na análise de Sack (1986), apresentando que mesmo o território e a territorialização estando dentro de um processo de dominação e/ou apropriação, a partir dele, pode-se abordar uma multiplicidade de manifestações, como as de lutas, resistências, e os sujeitos envolvidos nesse processo, apontando inclusive que não há relações de poder sem resistência.

A territorialização se expressa como uma estratégia voltada ao controle, podendo haver diferenças na complexidade das relações (até mesmo sendo impostas). As territorialidades estão relacionadas a elementos políticos, porém, também existem relações econômicas e culturais, conectadas na forma que as pessoas usufruem e se organizam no território.

Haesbaert (2007), ao falar sobre a dominação e/ou apropriação do território, acrescenta que o território pode se desdobrar a uma dominação político-econômica mais “concreta” e “funcional”, como na relação de controle, e em uma apropriação mais subjetiva, nomeada de cultural ou simbólica.

Ao propor analisar e compreender o processo das ocupações secundaristas sobre o conceito da territorialidade encontramos outros apontamentos sobre o conceito.

Fernandes (2009), ao ensaiar sobre a tipologia de territórios, visando a leitura das disputas territoriais e de conflitualidades, estabelece a diversidade territorial como multiterritorialidade.

Segundo o geógrafo da Universidade Estadual Paulista (Unesp) de Presidente Prudente “Os territórios em diferentes escalas se sobrepõem. São utilizados de diferentes formas assim como as pessoas assumem e executam distintas funções ou como as relações sociais se mesclam, gerando multiterritorialidades” (FERNANDES, 2009, p.205),

Ao trabalhar o conceito de território e territorialidade, tendo como base as concepções de Haesbaert (2007) e Fernandes (2009), entendemos que o território e as relações presentes nele não estão relacionados a um único elemento, pois existem diversos agentes que desenvolvem suas expressões e relações sobre um determinado ambiente.

Sendo assim, a visão do Estado no território como um único agente, expressando por exemplo sua dominação e controle de forma jurídico-política, está descartado quando

entendemos que no território existem diversas relações, como de grupos que estabelecem uma apropriação do espaço-vivido, uma relação cultural-simbólica.

À discussão de Fernandes (2009) podemos acrescentar que se analisarmos o território em diferentes escalas, encontramos diversos agentes com funções sociais distintas, havendo assim uma sobreposição de relações que, interagindo entre si, constituem diversas multiterritorialidades.

Em definição, de Paula (2015), a qual aborda também a discussão de Haesbaert (2007), a territorialidade é interpretada como uma estratégia territorial, como uma ação sob o território buscando determinado objetivo social ou econômico sem a necessidade de posse efetiva dele.

O uso do conceito de territorialidade no movimento secundarista se alinha com uma ação territorial que ao ocupar as escolas buscava barrar um projeto da Secretaria Estadual de Educação (SEDUC).

Com o desenvolver das bases teóricas e metodológicas sobre as práticas secundaristas, documentos e bate-papo, entendemos que construímos uma Geografia dos processos e conflitos que estiveram presentes naquele período, afim de que ela também possa contribuir nos debates e aprofundamentos sobre as questões da educação e da escola pública.

Além disso, a educação é demonstrada como um direito territorial e que o secundarista enquanto sujeito de direitos transformou a escola, no período de ocupação, em uma territorialidade que, por meio da apropriação de um espaço público e constantemente precarizado, possibilitou a existência de novas expressões.

CAP III - A EXPRESSÃO TERRITORIAL E A TERRITORIALIDADE DAS OCUPAÇÕES SECUNDARISTAS

As ocupações secundaristas constituem um processo complexo das relações dos estudantes com a escola. A partir das ocupações podemos analisar as novas relações estabelecidas pelos estudantes em um território que de muitas formas não incentivava o protagonismo e participação deles na construção da educação, algo que mudou a partir de uma estratégia de luta. Nesse processo temos uma escola enquanto território que molda, controla e padroniza as relações, sendo constituída por políticas que trabalham a educação como mercadoria.

Entretanto no processo das ocupações temos uma escola com suas relações alteradas, parte por causa da apropriação dos secundaristas em suas escolas no processo

de luta contra a reorganização escolar. Assim a territorialidade dos estudantes secundaristas é de resistência, na defesa da instituição pública e que por políticas governamentais poderiam deixar de existir.

A territorialidade do movimento secundarista estabeleceu novas relações de apropriação na escola. Antes ela era um ambiente e território do Estado, monótono, no qual o seu corpo diretivo reprimia a autonomia dos estudantes, em decisões, projetos, planejamentos, marcado por um território altamente hierárquico e de modelo neoliberal.

Com as ocupações surgiram novas territorialidades pautadas por esses estudantes, predominando uma maior autonomia, democracia e valores antiautoritários e antihierárquicos. O surgimento de uma nova dinâmica desenvolvida e praticada pelos estudantes ao ocuparem suas escolas, partindo de um pressuposto territorial, modificou uma estrutura regida por um projeto de educação que não visa o estudante como ponto de partida, uma política neoliberal que foi confrontada pelos secundaristas ao constituírem uma outra escola.

Com isso a organização territorial desses estudantes promoveu um recuo no projeto de reorganização escolar. O movimento mostrou que uma outra escola e educação pública são possíveis, estabeleceram uma prática de políticas públicas e de resistência aos ataques do governo.

As escolas ocupadas pelos estudantes favoreceram a existência de um ambiente democrático, sendo que essa estratégia territorial ganhou força em nível Estadual. Os estudantes inspirados pelos levantes estudantis na América Latina desempenharam um papel crucial naquele ano, não somente contra a reorganização escolar, mas como experiência e estratégia de luta, conseguindo a revogação do projeto e vitórias em muitas escolas ocupadas, como a substituição de diretores e coordenadores autoritários, assim como o acesso a espaços dentro da escola que eram proibidos.

As ocupações projetaram pequenas mudanças nas escolas pós-ocupações. Desta forma, é necessário compreender as ocupações secundaristas e seu impacto na escola, como no período posterior ao movimento, analisando os possíveis resquícios da territorialidade caracterizada pelo processo de ocupação.

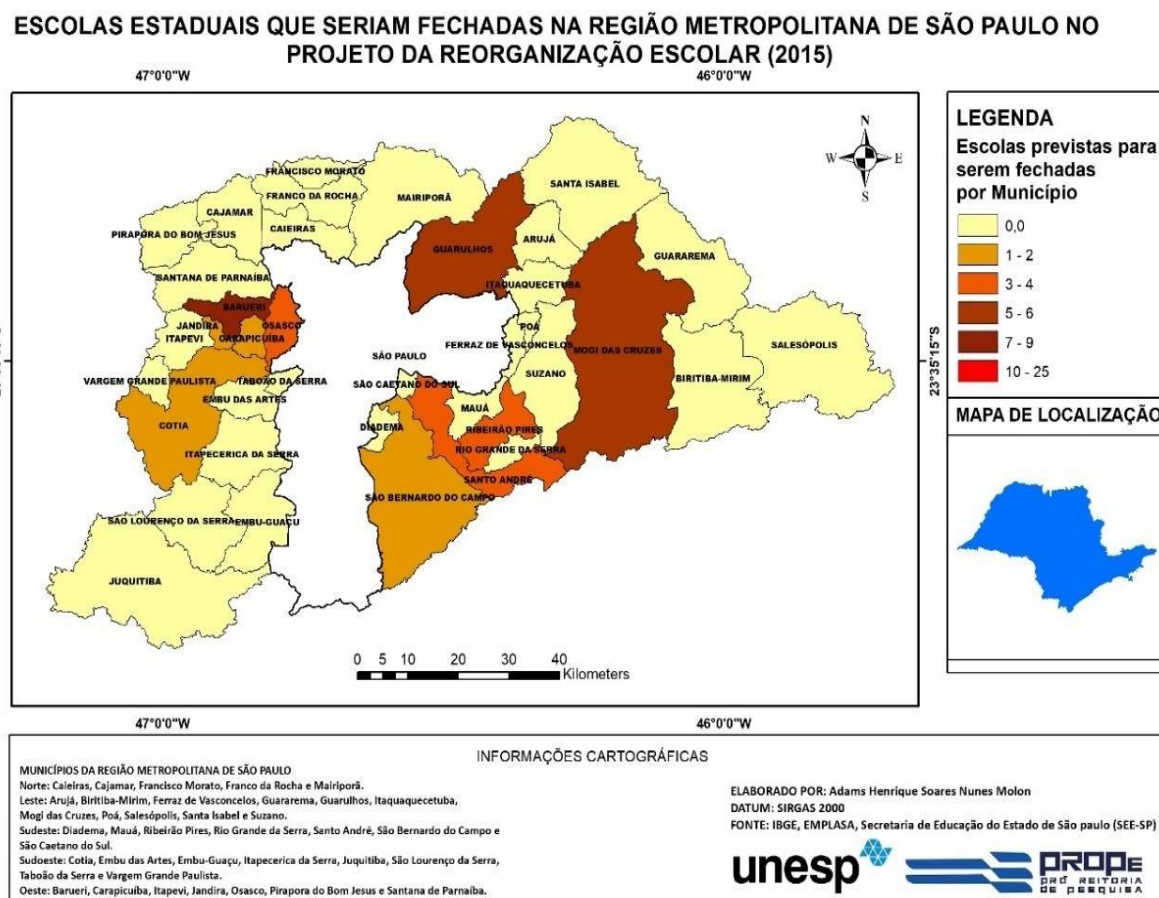
A escola se moldou a partir dos estudantes, porém devemos compreender as ações desenvolvidas pelo Estado e as estruturas de gestão das escolas após esse período, tendo em vista que por meio do processo de luta, a reorganização escolar foi revogada naquele ano.

Ao analisar as ocupações secundaristas na Região metropolitana de São Paulo, se tornou necessário mapear a sua representação sobre o território.

Para tal efeito, utilizamos as técnicas de geoprocessamento e do Sistema de Informações geográficas (SIG), construindo mapas e representações das ocupações e dos respectivos municípios, já que, devido a grande presença das escolas ocupadas sobre o Estado de São Paulo e sua Região Metropolitana, é necessário compreender sua distribuição.

As cidades de Mogi das Cruzes, Guarulhos, Barueri, Osasco, Ribeirão Pires e Santo André representavam os municípios com mais escolas presentes no projeto de reorganização (escolas que seriam fechadas), havendo a necessidade de estabelecer a relação do número das escolas que seriam fechadas e o respectivo número de ocupações na Região Metropolitana de São Paulo (RMSP) para compreender a expansão do movimento e de que forma se desenvolveu sobre a região.

MAPA 1: Escolas Estaduais na Região Metropolitana de São Paulo presentes no projeto de reorganização escolar que seriam fechadas (2015)



Fonte: Secretaria de Educação do Estado de São Paulo (2015)

O projeto de reorganização escolar, de caráter antidemocrático, está representado no mapa acima (mapa 1), com as escolas que teriam suas edificações disponibilizadas para outros fins.

Nos últimos dias do mês de novembro de 2015, no Estado de São Paulo já se somavam mais de 220 escolas ocupadas pelos estudantes secundaristas, como resposta prática ao projeto de reorganização.

Na região metropolitana de São Paulo (RMSP), no dia 27 de novembro haviam 51 escolas ocupadas, sendo encontradas nos municípios de Barueri (4), Caieiras (3), Carapicuíba (1), Cotia (1), Diadema (4), Embu das Artes (1), Guarulhos (6), Itapeçica da Serra (1), Itapevi (1), Itaquaquecetuba (1), Jandira (2), Mauá (4), Osasco (3), Poá (1), Ribeirão Pires (3), Santo André (12), São Bernardo do Campo (2), Taboão da Serra (1).

Tabela 1: Relação das escolas ocupadas na Região Metropolitana de São Paulo (RMSP) – Santo André até o dia 27/11/2015

Escolas ocupadas na RMSP até o dia 27/11/2015	Município
E.E. 16 de julho	Santo André
E.E. Antônio Adib Chammas	Santo André
E.E. Clotilde Peloso	Santo André
E.E. Dr. Américo Brasiliense	Santo André
E.E. Inah de Mello	Santo André
E.E. Joao Galeão Carvalhal Senador	Santo André
E.E. José Augusto de Azevedo Antunes	Santo André
E.E. Marajoara II	Santo André
E.E. Nelson Pizzotti Mendes	Santo André
E.E. Oscavo de Paula e Silva	Santo André
E.E. Valdomiro Silveira	Santo André
E.E. Wanda Bento Gonçalves	Santo André

Fonte: TERRITÓRIO LIVRE (São Paulo) (comp.). 224 ESCOLAS OCUPADAS: contagem progressiva: 224 escolas ocupadas!. CONTAGEM PROGRESSIVA: 224 ESCOLAS OCUPADAS!. 2015

Tabela 2: Relação das escolas ocupadas na Região Metropolitana de São Paulo (RMSP) – Guarulhos até o dia 27/11/2015

Escolas ocupadas na RMSP até o dia 27/11/2015	Município
E.E. Alayde Maria Vicente Profa	Guarulhos
E.E. Alice Chuery	Guarulhos
E.E. Ilia Zilda Innocenti Blanco	Guarulhos
E.E. José Storópolis	Guarulhos
E.E. Juvenal Ramos	Guarulhos
E.E. Conselheiro Crispiniano	Guarulhos

Fonte: TERRITÓRIO LIVRE (São Paulo) (comp.). 224 ESCOLAS OCUPADAS: contagem progressiva: 224 escolas ocupadas!. CONTAGEM PROGRESSIVA: 224 ESCOLAS OCUPADAS!. 2015

Tabela 3: Relação das escolas ocupadas na Região Metropolitana de São Paulo (RMSP) – Ribeirão Pires até o dia 27/11/2015

Escolas ocupadas na RMSP até o dia 27/11/2015	Município
E.E. Alvaro de Souza Vieira	Ribeirão Pires
E.E. Leico Akaishi	Ribeirão Pires

E.E. Santinho Carnavale	Ribeirão Pires
-------------------------	----------------

Fonte: TERRITÓRIO LIVRE (São Paulo) (comp.). 224 ESCOLAS OCUPADAS: contagem progressiva: 224 escolas ocupadas!. CONTAGEM PROGRESSIVA: 224 ESCOLAS OCUPADAS!. 2015

Tabela 4: Relação das escolas ocupadas na Região Metropolitana de São Paulo (RMSP) – Itapecerica da Serra até o dia 27/11/2015

Escolas ocupadas na RMSP até o dia 27/11/2015	Município
E.E. Asa Branca da Serra	Itapecerica da Serra

Fonte: TERRITÓRIO LIVRE (São Paulo) (comp.). 224 ESCOLAS OCUPADAS: contagem progressiva: 224 escolas ocupadas!. CONTAGEM PROGRESSIVA: 224 ESCOLAS OCUPADAS!. 2015

Tabela 5: Relação das escolas ocupadas na Região Metropolitana de São Paulo (RMSP) – Itaquaquecetuba até o dia 27/11/2015

Escolas ocupadas na RMSP até o dia 27/11/2015	Município
E.E. Cícero Antônio de Sá Ramalho	Itaquaquecetuba

Fonte: TERRITÓRIO LIVRE (São Paulo) (comp.). 224 ESCOLAS OCUPADAS: contagem progressiva: 224 escolas ocupadas!. CONTAGEM PROGRESSIVA: 224 ESCOLAS OCUPADAS!. 2015

Tabela 6: Relação das escolas ocupadas na Região Metropolitana de São Paulo (RMSP) – Osasco até o dia 27/11/2015

Escolas ocupadas na RMSP até o dia 27/11/2015	Município
E.E. Coronel Antônio Paiva de Sampaio	Osasco
E.E. Francisca Peralta	Osasco
E.E. Heloisa Assumpção	Osasco

Fonte: TERRITÓRIO LIVRE (São Paulo) (comp.). 224 ESCOLAS OCUPADAS: contagem progressiva: 224 escolas ocupadas!. CONTAGEM PROGRESSIVA: 224 ESCOLAS OCUPADAS!. 2015

Tabela 7: Relação das escolas ocupadas na Região Metropolitana de São Paulo (RMSP) – Diadema até o dia 27/11/2015

Escolas ocupadas na RMSP até o dia 27/11/2015	Município
E.E. Diadema	Diadema
E.E. Homero Silva	Diadema

E.E. João Carlos Gomes Cardim	Diadema
E.E. Riolando Canno	Diadema

Fonte: TERRITÓRIO LIVRE (São Paulo) (comp.). 224 ESCOLAS OCUPADAS: contagem progressiva: 224 escolas ocupadas!. CONTAGEM PROGRESSIVA: 224 ESCOLAS OCUPADAS!. 2015

Tabela 8: Relação das escolas ocupadas na Região Metropolitana de São Paulo (RMSP) – Taboão da Serra até o dia 27/11/2015

Escolas ocupadas na RMSP até o dia 27/11/2015	Município
E.E. Domingos Mignoni	Taboão da Serra

Fonte: TERRITÓRIO LIVRE (São Paulo) (comp.). 224 ESCOLAS OCUPADAS: contagem progressiva: 224 escolas ocupadas!. CONTAGEM PROGRESSIVA: 224 ESCOLAS OCUPADAS!. 2015

Tabela 9: Relação das escolas ocupadas na Região Metropolitana de São Paulo (RMSP) – Embu das Artes até o dia 27/11/2015

Escolas ocupadas na RMSP até o dia 27/11/2015	Município
E.E. Ede Wilson Gonzaga	Embu das artes

Fonte: TERRITÓRIO LIVRE (São Paulo) (comp.). 224 ESCOLAS OCUPADAS: contagem progressiva: 224 escolas ocupadas!. CONTAGEM PROGRESSIVA: 224 ESCOLAS OCUPADAS!. 2015

Tabela 10: Relação das escolas ocupadas na Região Metropolitana de São Paulo (RMSP) – Itapevi até o dia 27/11/2015

Escolas ocupadas na RMSP até o dia 27/11/2015	Município
E.E. Eliana Andrés de Almeida	Itapevi

Fonte: TERRITÓRIO LIVRE (São Paulo) (comp.). 224 ESCOLAS OCUPADAS: contagem progressiva: 224 escolas ocupadas!. CONTAGEM PROGRESSIVA: 224 ESCOLAS OCUPADAS!. 2015

Tabela 11: Relação das escolas ocupadas na Região Metropolitana de São Paulo (RMSP) – Caieiras até o dia 27/11/2015

Escolas ocupadas na RMSP até o dia 27/11/2015	Município
E.E. Francisco Gonçalves Vieira	Caieiras
E.E. Mario Toledo	Caieiras
E.E. Olindo Dartora	Caieiras

Fonte: TERRITÓRIO LIVRE (São Paulo) (comp.). 224 ESCOLAS OCUPADAS: contagem progressiva: 224 escolas ocupadas!. CONTAGEM PROGRESSIVA: 224 ESCOLAS OCUPADAS!. 2015

Tabela 12: Relação das escolas ocupadas na Região Metropolitana de São Paulo (RMSP) – Barueri até o dia 27/11/2015

Escolas ocupadas na RMSP até o dia 27/11/2015	Município
E.E. Henrique Fernando Gomes Estudante	Barueri
E.E. Ivani Maria Paes	Barueri
E.E. José Leandro de Barros Pimentel	Barueri
E.E. Ivani Maria Paes	Barueri

Fonte: TERRITÓRIO LIVRE (São Paulo) (comp.). 224 ESCOLAS OCUPADAS: contagem progressiva: 224 escolas ocupadas!. CONTAGEM PROGRESSIVA: 224 ESCOLAS OCUPADAS!. 2015

Tabela 13: Relação das escolas ocupadas na Região Metropolitana de São Paulo (RMSP) – Mauá até o dia 27/11/2015

Escolas ocupadas na RMSP até o dia 27/11/2015	Município
E.E. Iracema Crem	Mauá
E.E. Maria Aparecido Damo Ferreira	Mauá
E.E. Maria Elena Colonia	Mauá
E.E. Marta Teresinha Rosa	Mauá

Fonte: TERRITÓRIO LIVRE (São Paulo) (comp.). 224 ESCOLAS OCUPADAS: contagem progressiva: 224 escolas ocupadas!. CONTAGEM PROGRESSIVA: 224 ESCOLAS OCUPADAS!. 2015

Tabela 14: Relação das escolas ocupadas na Região Metropolitana de São Paulo (RMSP) – Jandira até o dia 27/11/2015

Escolas ocupadas na RMSP até o dia 27/11/2015	Município
E.E. Josepha Pinto Chiavelli	Jandira
E.E. Maria de Lurdes Stipp Steffen	Jandira

Fonte: TERRITÓRIO LIVRE (São Paulo) (comp.). 224 ESCOLAS OCUPADAS: contagem progressiva: 224 escolas ocupadas!. CONTAGEM PROGRESSIVA: 224 ESCOLAS OCUPADAS!. 2015

Tabela 15: Relação das escolas ocupadas na Região Metropolitana de São Paulo (RMSP) – Cotia até o dia 27/11/2015

Escolas ocupadas na RMSP até o dia 27/11/2015	Município
E.E. Pequeno Cotelengo de Dom Orioni	Cotia

Fonte: TERRITÓRIO LIVRE (São Paulo) (comp.). 224 ESCOLAS OCUPADAS: contagem progressiva: 224 escolas ocupadas!. CONTAGEM PROGRESSIVA: 224 ESCOLAS OCUPADAS!. 2015

Tabela 16: Relação das escolas ocupadas na Região Metropolitana de São Paulo (RMSP) – São Bernardo do Campo até o dia 27/11/2015

Escolas ocupadas na RMSP até o dia 27/11/2015	Município
E.E. Maria Osório Teixeira	São Bernardo do Campo
E.E. Tito Lima	São Bernardo do Campo

Fonte: TERRITÓRIO LIVRE (São Paulo) (comp.). 224 ESCOLAS OCUPADAS: contagem progressiva: 224 escolas ocupadas!. CONTAGEM PROGRESSIVA: 224 ESCOLAS OCUPADAS!. 2015

Tabela 17: Relação das escolas ocupadas na Região Metropolitana de São Paulo (RMSP) – Poá até o dia 27/11/2015

Escolas ocupadas na RMSP até o dia 27/11/2015	Município
E.E. Nanci Cristina	Poá

Fonte: TERRITÓRIO LIVRE (São Paulo) (comp.). 224 ESCOLAS OCUPADAS: contagem progressiva: 224 escolas ocupadas!. CONTAGEM PROGRESSIVA: 224 ESCOLAS OCUPADAS!. 2015

Tabela 18: Relação das escolas ocupadas na Região Metropolitana de São Paulo (RMSP) – Carapicuíba até o dia 27/11/2015

Escolas ocupadas na RMSP até o dia 27/11/2015	Município
E.E. Toufic Julian	Carapicuíba

Fonte: TERRITÓRIO LIVRE (São Paulo) (comp.). 224 ESCOLAS OCUPADAS: contagem progressiva: 224 escolas ocupadas!. CONTAGEM PROGRESSIVA: 224 ESCOLAS OCUPADAS!. 2015

Tendo como base o mapa das escolas que seriam fechadas na região metropolitana de São Paulo (mapa 1), e as tabelas das escolas ocupadas por município e respectivos nomes, surgiu a necessidade de se representar também por meio de um mapa

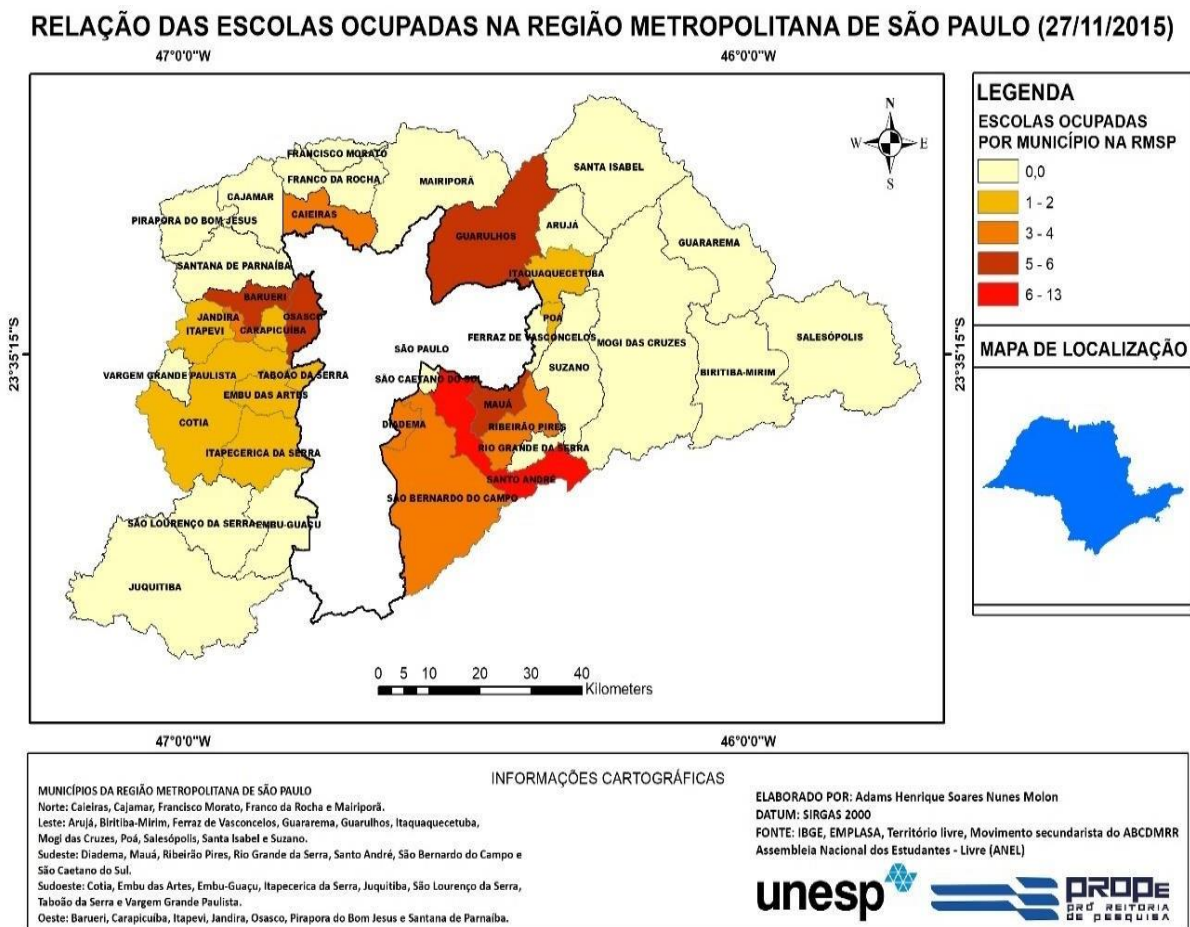
a relação das escolas ocupadas pelos estudantes secundaristas na Região Metropolitana de São Paulo (RMSP), com os dados coletados de organizações como o Território livre, Assembleia Nacional dos Estudantes – Livre e boletins diários do movimento secundarista, no qual constavam a relação de escolas ocupadas no Estado de São Paulo, atualizados constantemente por diversas páginas em redes sociais.

Os dados coletados foram organizados em planilhas e inseridos em um software de geoprocessamento (ArcGIS) para a elaboração de um novo mapa constando a expressão territorial, com a presença de ocupações nos municípios da Região Metropolitana de São Paulo (RMSP), assim como municípios que não tiveram nenhuma escola ocupada (mapa 2).

A elaboração dos mapas parte da necessidade de entendermos as ocupações secundaristas para além de uma perspectiva de escolas ocupadas individualmente, em um primeiro momento, e assim compreender como se desenvolveram as ocupações na região.

Com os mapas passamos a compreender, por exemplo, o número de escolas que seriam fechadas no projeto inicial do governo do Estado de São Paulo e compará-lo com o mapa de escolas ocupadas na região metropolitana (mapa 2).

MAPA 2: MAPA 2: Escolas ocupadas na Região Metropolitana de São Paulo até a data de 27/11/2015



Fonte: Território livre, Movimento secundarista do ABCDMRR, Assembleia Nacional dos Estudantes – Livre (ANEL)

O mapa acima (mapa 2), corresponde a relação de escolas ocupadas até o dia 27 de novembro de 2020. Os municípios com o maior número de ocupações de escolas na região metropolitana de São Paulo (sem constar o município de São Paulo) são Santo André, Guarulhos, Barueri, Mauá e Ribeirão Pires.

Ao analisarmos e compararmos os mapas das escolas que constavam no projeto de reorganização escolar e o mapa da relação das escolas ocupadas percebemos que municípios que não teriam escolar fechadas, também tiveram escolas ocupadas, como a E.E Diadema.

A cidade de Santo André, contava com duas escolas que seriam disponibilizadas para a Escola Técnica Estadual (ETEC) ou ao município, porém havia escolas que teriam

seus ciclos reorganizados, ocorrendo a ocupação de doze escolas, sendo o município com o maior número na Região Metropolitana de São Paulo (RMSP).

Na cidade de Mauá houve quatro escolas ocupadas e Ribeirão Pires três, tendo forte relação de escolas que seriam fechadas/reorganizadas e que foram ocupadas durante o processo da mobilização secundarista.

Após a análise por meio de mapas com a relação das escolas presentes no projeto de reorganização e escolas ocupadas, compreendemos a sua representação na região e municípios, ocorrendo fatores importantes na luta secundarista, como o apoio de ocupações em escolas que seriam reorganizadas as que seriam fechadas, demonstrando uma forte articulação estadual.

As escolas ocupadas estavam presentes em todas as regiões do Estado, sendo assim, presente na Região Metropolitana de São Paulo, principalmente em municípios com um maior número de escolas reorganizadas e próximas a cidade de São Paulo.

Ao promover a discussão do movimento secundarista e a escola, partindo do desenvolvimento do conceito de territorialidade, temos as formas que o movimento agiu sobre a escola enquanto território e as mudanças que ali surgiram, mesmo que por um curto período.

Por meio de fotografias, vídeos e documentos sobre as ocupações, podemos estabelecer que o movimento secundarista e de ocupação ressignificou aquela escola que tinha uma relação autoritária, onde o direito do aluno de atuar e participar das decisões, projetos e construção das relações da escola, como parte dela, se não a mais fundamental, era restringido.

Com as bibliotecas fechadas, grades, câmeras, acesso limitado a sala de aula e ao refeitório nos momentos de intervalo, o estudante era condicionado a um modelo padronizado de escola que não favorecia a sua autonomia em meio ao conhecimento e muito menos a liberdade de atuar diretamente e democraticamente.

Durante o processo das ocupações secundaristas, surgiu outra escola, agora com protagonismo dos estudantes, havendo uma alteração, uma nova territorialidade, com características de solidariedade, apoio mútuo e autonomia.

Assim os secundaristas mostraram que outra escola é possível e uma nova Geografia da escola pública surgiu.

As ocupações não se limitaram a somente alterar as relações de hierarquia e controle, mas expressaram essas mudanças também no material. Como um exemplo são os muros das escolas que anteriormente eram poucos cuidados e sem nenhuma expressão

visual, passaram em muitas escolas ocupadas a ter imagens, desenhos, símbolos do movimento que estava presente na escola.

Sendo assim, surgiu uma territorialidade que foi expressa também enquanto arte, música, oficinas e conhecimento em suas diversas formas.

CAP IV - DE UMA GESTÃO AUTORITÁRIA À TRANSFORMAÇÃO DA ESCOLA: A E.E PROF.^a LEICO AKAISHI NO MUNICÍPIO DE RIBEIRÃO PIRES/SP

Escola Estadual Professora Leico Akaishi, unidade educacional pública, localizada na rua Paulo de Candido, número 200, bairro Santana, no município de Ribeirão Pires. Escola vinculada à diretoria de ensino da região de Mauá, está localizada na Região Metropolitana de São Paulo.

Com uma breve descrição, podemos estabelecer um primeiro contato com um território que no ano de 2015 sofreu transformações e se tornou palco, junto com outras escolas, do maior movimento de ocupações secundaristas no Brasil até então.

As informações e relatos específicos sobre a E.E Prof.^a Leico Akaishi foram reunidas por meio de um encontro virtual realizado no dia 17 de abril de 2021, estando presentes ex-estudantes, professores e comunidade.

O encontro teve como finalidade o diálogo sobre as transformações que ocorreram na escola e as diferentes perspectivas, bem como se deram os momentos anteriores à ocupação, durante o processo e seus resquícios.

Toda a dinâmica foi gravada e divulgada por meio de plataformas digitais constando como parte da memória das ocupações secundaristas, em específico da E.E Prof.^a Leico Akaishi.

As jornadas de junho de 2013, levaram uma parcela da juventude, filhos dos trabalhadores e trabalhadores, às ruas. Neste momento, o contato com grandes manifestações, articulações e reivindicações se fez presente como experiência. Assim como os estudantes que estiveram junto aos seus professores no período de greve em 2015.

As ocupações secundaristas, assim como na E.E Prof.^a Leico Akaishi, não carregam em si a definição de um movimento espontâneo e que surgiu apenas em contraponto as políticas do Governo do Estado de São Paulo, demonstram um processo que se levantou contra o fechamento de 92 escolas e a reorganização de mais de 750.

Ela expressou a territorialidade de uma escola, enquanto em algo próximo do que realmente deveria ser a educação, o conhecimento e a pluralidade, ou seja, direitos também se territorializam.

Estratégias foram colocadas em prática, como manifestações nas cidades, piquetes, reuniões com dirigentes de ensino, secretário de educação, barricadas em grandes avenidas e inúmeras tentativas e construção de um movimento que outrora não era esperado.

Um movimento que pela falta de experiência política direta daqueles que o construíam, no caso, estudantes com menos de dezessete anos, demonstrou que suas dinâmicas não eram tão simples e sem fundamentos práticos.

Ao ocuparem suas escolas os secundaristas, desenvolveram uma nova experiência política sobre o espaço geográfico (enquanto categoria), um espaço das representações, da vivência, espaço enquanto base natural das (re)produções sociais (HAESBAERT, 2014).

Sobre o território da escola (como conceito), os estudantes constituíram um processo de resistência efetiva, tendo sua territorialidade contra uma política pública nefasta e um poder que constantemente tenta se tornar hegemônico.

Porém, em momentos de resistência como a luta dos estudantes chilenos, conhecido como a revolta dos pinguins, por causa de seus uniformes característicos, a luta dos professores, estudantes e comunidade na comuna de Oaxaca, no México, e as ocupações secundaristas no Brasil, sua estrutura hegemônica é afetada. A resistência e processos de luta na América Latina demonstram que poder, sem resistência, mesmo que de forma mínima, não existe. (HAESBAERT, 2007)

Ao abordar a ocupação específica de uma escola, trabalhamos com características próprias que condicionam a maneira que os estudantes se expressaram sobre a ela. A forma que se desenvolviam, as relações em momentos anteriores ao projeto de reorganização escolar nos mostram as particularidades dessas transformações ocasionadas pelos secundaristas. A escola surge com uma nova perspectiva e finalidade.

Na gestão e coordenação da E.E Prof.^a Leico Akaishi, estavam posicionamentos autoritários e antidemocráticos. Os estudantes não tinham voz, muito menos autonomia, um controle constante sobre tudo que os estudantes planejavam, como atividades e intervenções nos intervalos.

Existia até então um Grêmio Estudantil eleito, denominado “Somos tão jovens”, parafraseando o artista Renato Russo. A sala destinada ao Grêmio, no ano de 2014 deixou

de existir, sendo demolida para dar espaço a uma nova sala de professores. Por ser um Grêmio participativo, tanto na luta dos professores em 2015, quanto nos direitos dos alunos, seus representantes eram perseguidos pela direção.

A hierarquia e a constante dominação sobre os alunos se faziam presente como nunca. O acesso à biblioteca era difícil, por trás de grades e cadeados, o conhecimento e a liberdade de descobrir horizontes inexplorados eram negados. Câmeras instaladas nos corredores, constante observação. Aos poucos a hostilidade predominava um território que deveria libertar não condicionar e controlar.

Como parte das controvérsias presentes no projeto de reorganização escolar, antes de ser anunciado o seu fechamento, a escola passou por um grande processo de reforma estrutural.

Os alunos e funcionários durante o primeiro semestre de 2015 foram sujeitados a esse processo em paralelo as atividades educacionais da unidade. Nesse período a merenda era seca, sendo composta de bolachas, e distribuída no pátio da escola enquanto o barulho das obras invadia as salas de aula.

Além do transtorno ocasionado por um péssimo planejamento, os estudantes realizavam um rodízio nas salas de aula que tinham cadeiras para todos, nas outras eram colocados bancos do refeitório.

Ao ser anunciado no segundo semestre que aquela escola deixaria de existir por meio da reorganização escolar do Governo do Estado de São Paulo e seu prédio disponibilizado para outra unidade, (E.E Fortunato Pandolfi Arnoni), a comunidade escolar em geral manifestou ser contrária a decisão e se uniu aos atos que já ocorriam na região e na capital do Estado.

Iniciaram-se tratativas com a dirigente de ensino de Mauá para que a reorganização não ocorresse, processo que não surtiu efeito algum, considerando o histórico de apoio dos dirigentes da região às políticas do Governo do Estado.

Na escola, os estudantes indignados e sem voz perante o autoritarismo do projeto, questionaram a direção e foram severamente perseguidos.

Alunos foram coagidos, sendo levados para salas de coordenação e direção, impedidos de manter contato com outros de outras salas e séries. O assunto sobre a possibilidade de aquela escola deixar de existir foi proibido, nenhum aluno poderia comentar sem correr o risco de levar alguma advertência verbal de professores que apoiavam a direção. Não se podia ter direitos enquanto sujeito. A tão propalada gestão democrática e participativa existia somente nos documentos oficiais.

IMAGEM 2: Alunos, pais e professores da E.E Prof.^a Leico Akaishi em manifestação no Palácio dos Bandeirantes – sede do Governo do Estado de São Paulo (10/11/2015)



Fonte: arquivo pessoal (2015)

Como intervenção no dia “E”, data organizada pela Secretaria de Educação do Estado de São Paulo (SEDUC), após o anúncio da reorganização, para “apresentar” o projeto e justificar a sua necessidade, os estudantes do período da manhã se organizaram e com mordças feitas de papel e faixas, ocuparam a reunião que estava acontecendo no refeitório da escola, muito embora nenhum estudante ou professor tivesse autorização de estar presente.

Aos poucos o pátio era preenchido por alunos de todos os anos, contrários a reorganização e o fechamento da escola. Eles assumiram o controle da reunião, tomaram os microfones da direção e em um único coro, cantavam “não feche a nossa escola”, demonstrando que a partir daquele momento a escola mudaria!

IMAGEM 3: Dia “E” na E.E Prof.^a Leico Akaishi - 06/11/2015



Fonte: Jonas Moreirá (2015)

IMAGEM 4: Dia “E” na E.E Prof.^a Leico Akaishi - 06/11/2015



Fonte: Jonas Moreirá (2015)

No anoitecer do dia 23 de novembro de 2015 a E.E Prof.^a Leico Akaishi era ocupada pelos estudantes matriculados naquela unidade educacional. Após um processo de luta que já não estava mais resultando em esperanças, a comunidade e professores se

uniram a uma das últimas estratégias do movimento secundaristas: controle e ocupação da escola.

Nesse período, na cidade de Ribeirão Pires, no Estado de São Paulo, já existia outra escola ocupada, a E.E Santinho Carnavale, localizada em um bairro próximo e que foi de extrema importância na consolidação da ocupação.

Por meio de um apoio mútuo, os estudantes se uniram para se manterem fortes contra a reorganização do Governo e a possibilidade de reintegração de posse e invasões da Polícia Militar, tendo que em outras escolas ocupadas já estavam sofrendo ataques constantes com o intuito de desmobilizar e desocupar.

Em alguns minutos a E.E Prof.^a Leico Akaishi já estava ocupada e os estudantes obtiveram controle e a transformação de um território hostil em algo muito mais dinâmico, democrático e participativo.

IMAGEM 5: Portão principal da ocupação da E.E Prof.^a Leico Akaishi (24/11/2015)



Fonte: Arquivo pessoal

Os secundaristas tendo suas experiências com as mobilizações junto aos professores e acesso a um material de apoio, como uma cartilha, apresentada por um militante do Movimento Sem Terra (MST), intitulada “Como ocupar um colégio” do coletivo estudantil “O Mal-educado” (MAL-EDUCADO, 2015), começaram a se auto-organizar de uma maneira completamente diferente do cotidiano até então existente,, convocando uma assembleia interna.

Num primeiro momento, a assembleia ocorreu somente com estudantes, afim de que se consolidassem os primeiros passos da ocupação, bem como fossem definidas a formação das comissões.

Naquela escola existiram nesse processo algumas comissões centrais para o funcionamento da ocupação, como por exemplo a de segurança, comunicação, limpeza, café da manhã, almoço, jantar, articulação com outras escolas e comunidade, assim como a distribuição igualitária dessas funções.

Todas as decisões passavam por assembleias. Aos poucos os estudantes começaram a ter acesso a espaços da escola que outrora eram negados, passando assim a encontrar inúmeros materiais do qual não se tinha o uso.

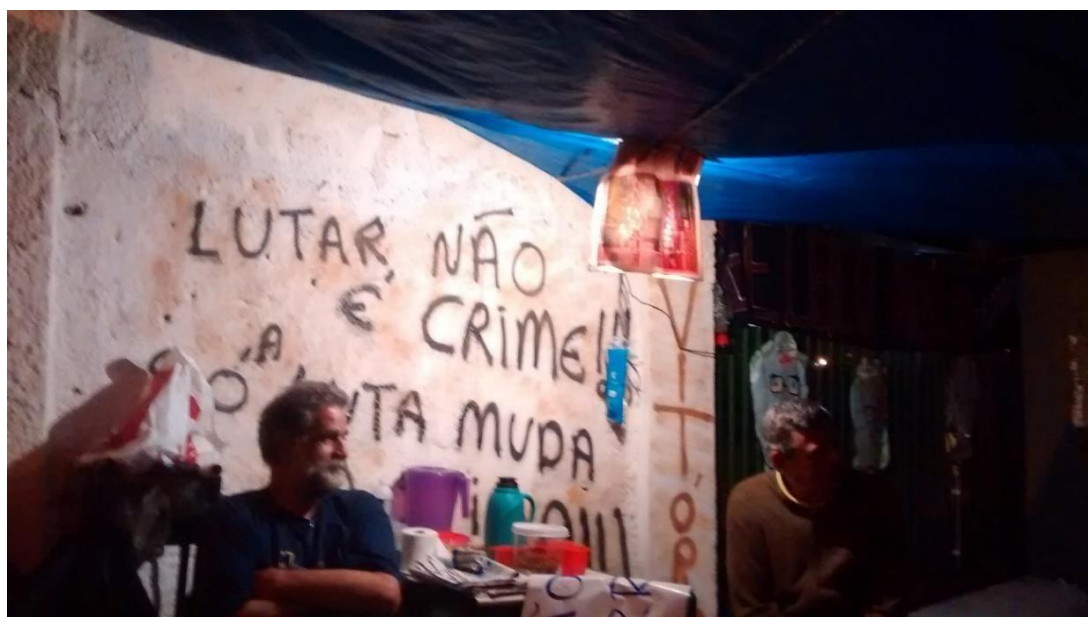
Giroto (2016), ao discutir sobre as ocupações, aponta a importância da organização dos estudantes secundaristas, mostrando que a construção de algo que nesta pesquisa desenvolvemos a partir da territorialidade, constituiu a luta por outra escola pública, uma escola que sua estrutura se baseie na perspectiva dos estudantes e da comunidade que naquele período a defenderam.

E aqui se destaca a importância da organização dos estudantes secundaristas e da luta que têm realizado. Em nossa perspectiva, eles têm sido os principais sujeitos da construção dessa nova política de espacialidade na escola pública. Com seus corpos, desejos e sonhos, destituíram a escola da narrativa unitária que buscava totalizá-la. Construindo outros discursos, práticas e ações, fizeram, no limite, outra escola, outra espacialidade. Expondo a arbitrariedade de um projeto que não os reconhece como sujeitos, os secundaristas tomaram para si as escolas e, em sua simultaneidade de coexistência, têm construído a luta por outra escola pública. (GIROTO, 2016).

A territorialidade da luta secundarista se apresenta efetivamente na E.E Prof.^a Leico Akaishi no momento de sua ocupação, com a ruptura das políticas de controle e desmonte da educação pública.

Transformaram por meio de seus gestos e processos de pertencimento, um território que outrora se configurava de maneira opressora, levaram para a porta da escola uma comunidade que acampou todos os dias, como forma de proteger os alunos que ali estavam. Aos poucos a escola que estava para ser fechada pelo governo tomou outro rumo junto às experiências práticas dos estudantes.

IMAGEM 6: Acampamento da comunidade na porta da ocupação da E.E Prof.^a E.E Leico Akaishi/SP



Fonte: Arquivo pessoal (2015)

Por meio do “bate-papo: Territorialidades e ocupações secundaristas”⁴ foi observado que a interação primordial para a efetivação da ocupação foi a união entre os alunos em um momento instável sobre o futuro da escola e de suas vidas.

De um ano para o outro, mudariam de escola, não por uma simples mudança, mas porque sua escola deixaria de existir, sendo ela onde muito de seus parentes também estudaram, fazendo parte da vida dos estudantes, de suas histórias.

A territorialidade é expressa tanto no material, quando no imaterial, ou melhor, as relações sobre a escola mudam tanto nas relações interpessoais e hierárquicas, quanto no cuidado e manutenção da estrutura da escola.

Para dentro da escola é levada a vida, a realidade e as vontades dos alunos. Por meio de atividades culturais e artísticas, enriqueceram um território submetido somente a ações engessadas e proibitórias. Os muros exteriores que em outro momento apresentavam uma escola hostil e nada convidativa, passaram a representar a luta que ali estava. No muro em letras garrafais foi escrito pelos alunos da E.E Prof.^a Leico Akaishi que: “Conhecimento é liberdade”.

⁴ **BATE-PAPO: Territorialidades e ocupações secundaristas.** Realização de Adams Henrique Soares Nunes Molon, Amir El Hakim de Paula. São Paulo: Independente, 2021. (140 min.), .MP4, son., color. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=l7PrRzxd5pk>. Acesso em: 24 abr. 2021.

IMAGEM 7: Estudantes secundaristas ressignificando o muro da escola ocupada (E.E Leico Akaishi, Ribeirão Pires/SP)



Fonte: Arquivo pessoal (2015)

IMAGEM 8: Muro da ocupação E.E Leico Akaishi ressignificado,



Fonte: Arquivo pessoal

As comissões se organizavam durante as assembleias, todos os problemas e as próximas ações eram debatidos democraticamente. A todo o momento a comunicação com as demais escolas no município acontecia de maneira a se protegerem e buscarem

novas informações sobre os acontecimentos na capital e o andamento da mobilização estadual.

Com o passar dos dias a ocupação se fortalecia, jornais da cidade e de principais veículos de comunicação televisivos foram até a escola para analisar a ocupação e conversar com os alunos. Aos poucos a territorialidade dos secundaristas chegava aos municípios, sua luta também, demonstrando uma dinâmica única nas escolas estaduais.

Após a revogação da reorganização escolar, aos poucos as escolas foram sendo desocupadas, existia um cenário de muito receio, não se sabia quais seriam as próximas estratégias do governo do estado, nem mesmo como as escolas ficariam após a territorialidade dos alunos nas ocupações.

Na E.E Prof.^a Leico Akaishi, os alunos se organizaram no dia da entrega da escola e convocaram a direção para assinar um termo, constando nele que a gestão concorda que a escola foi entregue pelos estudantes secundaristas em melhores condições que anteriormente, que o muro da escola não seria pintado sobre as intervenções da ocupação.

A direção assegurou que ao voltar ao normal, nenhum aluno dentro da escola seria perseguido por ter participado das ocupações, o mesmo para os professores que apoiaram o processo. Com o decorrer dos dias, o contrário aconteceu, quando os alunos chegaram na escola após a desocupação, todos os cartazes, faixas e intervenções artísticas dos alunos estavam rasgados e jogados nos lixos na entrada da escola.

O território da escola voltava a ser hostil e controlador, junto às suas câmeras e perseguição de alunos e professores de luta. O Grêmio Estudantil sofreu uma forte desmobilização, a direção não facilitava as interações dentro da escola e o desenvolvimento de atividades e práticas discentes.

Alunos se formaram e nunca mais conseguiram voltar à escola e os que continuaram resistiram ao momento de grande instabilidade política e educacional da unidade.

O Governo não conseguiu fechar a escola, porém, dificultou as relações que ali existiam e por meio do autoritarismo, controle e dominação, aos poucos foi encobrindo a territorialidade daqueles estudantes que um dia gritaram em coro: “A escola é nossa!”

As transformações que aconteceram sobre a escola, em específico a E.E Prof.^a Leico Akaishi, demonstram as múltiplas possibilidades partindo da territorialidade dos alunos, sua forma de interagir e se relacionar com a escola. Enquanto em outros momentos a escola era configurada com um não-pertencimento dos indivíduos que ali

passavam diariamente, no processo de ocupação, a escola além de um território de resistência, passou a representar vínculo afetivo positivo e intenso.

IMAGEM 9: Estudantes secundaristas na ocupação da E.E Prof.^a Leico Akaishi



Fonte: Fábio Paulino (2015)

A territorialidade secundarista reconfigurou a escola em algo próximo do que deveria existir, uma escola democrática, de qualidade, voltada ao conhecimento, a ciência e a multiplicidade das relações, pautando o debate, acessibilidade e construção mútua.

A escola é território de vida e luta contra um sistema injusto e desigual. Ocupar e resistir ecoa nos muros das escolas como esperança de um futuro possível. Acreditar na juventude, nos secundaristas e nos trabalhadores.

IMAGEM 10: Estudantes secundaristas na ocupação da E.E Prof.^a Leico Akaishi – comemoração da revogação da reorganização escolar



Fonte: Isabel Cristina dos Santos (2015)

Os estudantes secundaristas desempenharam o papel fundamental de mostrar que outra escola pública é possível, em meio ao processo de luta fizeram o unimaginável e moldaram a escola, a educação e expressaram suas vontades e sonhos sobre um território que deveria dar asas aos jovens, não os trancafiar em gaiolas esperando que um dia se encaixassem nos modelos impostos sobre eles.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pesquisa mostrou a importância do processo de lutas protagonizado pelos estudantes secundaristas contra um projeto de reorganização escolar. Ao desenvolver o conceito de territorialidade, discorremos sobre uma nova dinâmica territorial expressa sobre um território pertencente e controlado pelo Estado. Os estudantes não só modificaram a estrutura escolar, como exploraram as possibilidades da escola pública e suas maiores necessidades, como o acesso ao conhecimento, cultura, um ambiente democrático e participativo.

A escola passa a ser um território de vida, de amplas possibilidades e resistência. Um movimento que não surgiu de forma espontânea, porém que em sua proporção, se deu como inédito na história da educação pública brasileira, passando de mais de 200 escolas ocupadas no mês de novembro de 2015.

Os estudantes secundaristas constituíram um processo que modificou a função padronizada e neoliberal da escola, romperam com sistemas autoritários e hierárquicos, promoveram a horizontalidade das práticas e articulações. Desenvolveram uma democracia direta na organização da escola, ressignificaram seus muros, salas de aula, refeitórios e quadras, deram outro sentido a um território hostil.

No livro “Atlas da rede estadual de educação de São Paulo” Giroto, Passos, Oliveira e Campos (2018), apresentam uma importante reflexão sobre a reorganização escolar e a luta da juventude secundarista na ocupação de suas escolas, da seguinte forma:

[...] os muros que separavam a vida da escola foram rompidos e aquele lugar, antes dominado quase que totalmente pela burocracia apática, pelo discurso dos números e prazos, foi preenchido pela vida dos sujeitos, suas histórias, seus sonhos, seus desejos. [...] Mudar a escola, mudar a cidade, mudar o mundo... com o corpo, com a vida, com a solidariedade... Quantas lições estes meninos e meninas nos ensinaram... (GIROTO; PASSOS; OLIVEIRA; CAMPOS, p.109, 2018)

As territorialidades das ocupações secundaristas possibilitam a compreensão de uma nova escola, uma nova sociedade, novos sonhos e relações menos hierárquicas, onde prevaleça a autonomia do aluno, uma maior troca de conhecimento e cultura.

Ao dizer que “a escola é nossa”, a juventude secundarista toma posse de algo que lhe é negado, o direito ao espaço público e enquanto sujeito que molda e transforma a partir de si uma série de elementos presentes por exemplo no território da escola.

O pertencimento e o afeto estiveram como base no processo. Estabeleceram junto aos indivíduos e suas lutas e resistências uma mobilização e prática pública de seus direitos, recusando um projeto antidemocrático e de interesses dos grandes grupos educacionais, como Instituto Ayrton Senna, Fundação Paulo Lemann e Todos Pela Educação.

A educação e seu constante processo de desmonte, precarização, municipalização e por fim privatização, como por exemplo o Centro de Mídias do Estado de São Paulo (CMSP), acontece de forma intensa e como parte de políticas provenientes do Estado e seus governantes.

A prática secundarista estabeleceu políticas públicas alinhadas às necessidades e anseios da comunidade escolar, defendeu um bem comum e de grande importância para

seus iguais. As ocupações secundaristas firmaram a educação como um direito territorial, assim como suas possibilidades de transformações.

No período posterior as ocupações secundaristas no Estado de São Paulo em 2015, se desenvolveu de forma mais ampla, projetos e programas que intensificam as políticas já existentes de desmonte e precarização da escola pública, como o Programa de Ensino Integral (PEI), que carregam características de continuidade da reorganização escolar revogada no ano de 2015, e reiniciada em 2016 com o fechamento de salas de aula nas escolas por todo o Estado.

A compreensão dos processos de luta na educação, como as ocupações secundaristas, caracteriza estratégias práticas e que resultaram em conquistas para os estudantes e comunidade, partem de um grande processo de resistência e aprendizado que os secundaristas foram protagonistas.

O movimento mostrou a possibilidade de novas práticas, sendo ela de resistências, mobilização e transformação de seus territórios. A Geografia da educação pública importa, assim como a territorialidade dos estudantes e suas relações com a escola e seus agentes.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ADRIÃO, Theresa. **Educação e produtividade**: a reforma do ensino paulista e a desobrigação do Estado. São Paulo: Xamã, 2006.

CAMPOS, Antonia J. M.; MEDEIROS, Jonas; RIBEIRO, Márcio M.. **Escolas de luta**. São Paulo: Veneta, 2016. 352 p. (Baderna).

CURI, Andréa Zaitune; SOUZA, André Portela de. Análise da municipalização do ensino fundamental no Estado de São Paulo e seus impactos. In: NEGRI, Barjas *et al* (org.). **Educação básica no Estado de São Paulo: avanços e desafios**. São Paulo: FDE/SEADE, 2015. Cap. 3. p. 83-132.

FERNANDES, Bernardo Mançano. Sobre a tipologia de territórios. In: SAQUET, Marcos Aurelio; SPOSITO, Eliseu Savério. **Territórios e territorialidades: teorias, processos e conflitos**. São Paulo: Expressão Popular, 2009. Cap. 9. p. 197-216.

GIROTTTO, Eduardo Donizeti. Entre o abstracionismo pedagógico e os territórios de luta: a base nacional comum curricular e a defesa da escola pública. **Horizontes**, [S.L.], v. 36, n. 1, p. 16-30, 30 abr. 2018. Casa de Nossa Senhora da Paz A.S.F.

GIROTTTO, Eduardo Donizeti; PASSOS, Felipe Garcia; CAMPOS, Larissa de; OLIVEIRA, João Victor Pavesi de. A geografia da reorganização escolar: uma análise

espacial a partir da cidade de são paulo. **Etd - Educação Temática Digital**, [S.L.], v. 19, p. 134, 11 mar. 2017. Universidade Estadual de Campinas.

GIROTTTO, Eduardo Donizeti; PASSOS, Felipe Garcia; OLIVEIRA, João Victor Pavesi de; CAMPOS, Larissa de. A Geografia da reorganização escolar. In: QUIRINO, Arizla Emanuela Pereira; GIROTTTO, Eduardo Dinizeti; INÁCIO, Fabíola Barros; PASSOS, Felipe Garcia; CÁSSIO, Fernando Luiz; SOUZA, Jaqueline Marinho de Oliveira; OLIVEIRA, João Victor de; CAMPOS, Larissa de; NONATO, Laura Miranda; MIYAKE, Rafaela Lucia (org.). **Atlas da rede estadual de educação de São paulo**. São Paulo: Crv, 2018. Cap. 4. p. 93-110.

GIROTTTO, Eduardo Donizeti. A DIMENSÃO ESPACIAL DA ESCOLA PÚBLICA: leituras sobre a reorganização da rede estadual de são paulo. **Educação & Sociedade**, [S.L.], v. 37, n. 137, p. 1121-1141, dez. 2016. FapUNIFESP (SciELO). <http://dx.doi.org/10.1590/es0101-73302016167626>. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/es/a/SPN7FJrQqVj86gWxfsc5msj/?lang=pt&format=html> #. Acesso em: 02 jun. 2021.

GIROTTTO, Eduardo Donizeti; PASSOS, Felipe Garcia; CAMPOS, Larissa de; OLIVEIRA, João Victor Pavesi de. A geografia da reorganização escolar: uma análise espacial a partir da cidade de são paulo. **Etd - Educação Temática Digital**, [S.L.], v. 19, p. 134, 11 mar. 2017. Universidade Estadual de Campinas. <http://dx.doi.org/10.20396/etd.v19i0.8647805>. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/etd/article/view/8647805>. Acesso em: 05 mar. 2021.

GOULART, Débora Cristina; PINTO, José Marcelino Rezende; CAMARGO, Rubens Barbosa de. Duas reorganizações (1995 e 2015): do esvaziamento da rede estadual paulista à ocupação das escolas. **Etd - Educação Temática Digital**, [S.L.], v. 19, p. 109, 11 mar. 2017. Universidade Estadual de Campinas.

HAESBAERT, Rogério. Território e multiterritorialidade: um debate. **Geographia**, Niterói, v. 9, n. 17, p. 19-46, 8 fev. 2007. Pro Reitoria de Pesquisa, Pos Graduacao e Inovacao - UFF.

HAESBAERT, Rogério. DO CORPO-TERRITÓRIO AO TERRITÓRIO-CORPO (DA TERRA): contribuições decoloniais. **Geographia**, [S.L.], v. 22, n. 48, p. 75, 16 jun. 2020. Pro Reitoria de Pesquisa, Pos Graduacao e Inovacao - UFF.

HAESBAERT, Rogério. **Viver no limite: território e multi/transterritorialidade em tempos de in-segurança e contenção**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2014. 436 p. E- book.

HARVEY, David; MARICATO, Ermínia; ZIZEK, Slavoj Et. Cidades rebeldes: Passe livre e as manifestações que tomaram as ruas do Brasil. Boitempo Editorial. São Paulo, 2013

LEFEBVRE, Henri. **Direito à cidade**. São Paulo: Centauro, 2008

MAL-EDUCADO, O (org.). **Como ocupar um colégio?** São Paulo: Coletivo O Mal-Educado, 2015. 8 p. Disponível em: <https://gremiolivre.files.wordpress.com/2015/10/como-ocupar-um-colc3a9gio.pdf>. Acesso em: 25 jul. 2020

NEUBAUER, Rose. Reorganização das escolas estaduais paulistas: novo modelo pedagógico, ciclos e municipalização. In: NEGRI, Barjas; TORRES, Haroldo; CASTRO, Maria Helena de. **Educação Básica no Estado de São Paulo: avanços e desafios**. São Paulo: FDE/SEADE, 2015. p. 243-266.

PANTOJO, Bruno; SALOMÃO, Laudina de Andrade; CASTRO, Maria Nícia Pestana de; MARTINS, Marcelo. **Escolas estaduais com uma única etapa de atendimento e seus reflexos no desempenho dos alunos**. São Paulo: CIMA-SEE-SP, 2015.

PAULA, Amir El Hakim de. A relação entre Estado e os sindicatos sob uma perspectiva territorial. São Paulo: Unesp, 2015. 261 p.

PIOLLI, Evaldo; PEREIRA, Luciano; MESKO, Andressa de Sousa Rodrigues. A proposta de reorganização escolar do governo paulista e o movimento estudantil secundarista. **Crítica Educativa**, [S.L.], v. 2, n. 1, p. 21-35, 17 ago. 2016. Revista Crítica.

SÃO PAULO (Estado). Secretaria de Estado da Educação de São Paulo. Decreto Estadual n. 40.473, de 21 de novembro de 1995. Institui o Programa de Reorganização das escolas da Rede Estadual e dá providências correlatas. **Diário Oficial do Estado**, v. 105, n. 222, p. 4, 22 nov. 1995a.

SÃO PAULO (Estado). Conselho Estadual de Educação. Parecer CEE/674 – Referente ao projeto de Reorganização das Escolas da Rede Estadual de Ensino. **Diário Oficial do Estado**, São Paulo, v. 105, n. 216, p. 13, 09 nov. 1995b

SÃO PAULO (Estado). Secretaria Geral Parlamentar. Decreto n. 61.672, de 30 de novembro de 2015. Disciplina a transferência dos integrantes dos Quadros de Pessoal da Secretaria da Educação e dá providências correlatas. **Diário Oficial do Estado de São Paulo**, 1 dez. 2015, v. 125, n. 222, p. 1.

SÃO PAULO (Estado). Governo do Estado de São Paulo. Secretaria Estadual de Educação. **Entenda como funcionará a reorganização escolar da rede estadual paulista**. 2015. Disponível em: <https://www.educacao.sp.gov.br/noticias/com-foco-na-qualidade-de-ensino-educacao-anuncia-nova-organizacao-para-a-rede-estadual/>. Acesso em: 27 jul. 2020.

SÃO PAULO (Estado). Governo do Estado de São Paulo. Secretaria de Educação. **Reorganização Escolar é adiada para garantir o diálogo com comunidade escolar em 2016**. 2015. Disponível em: <https://www.educacao.sp.gov.br/noticias/com-foco-na-qualidade-de-ensino-educacao-anuncia-nova-organizacao-para-a-rede-estadual/>. Acesso em: 27 jul. 2020.

SECUNDARIOS, Frente de Estudantes Libertarios - (org.). **¿Cómo tomar un colegio?** 2012. Disponível em: <http://www.fel-arg.org/2012/09/17/como-tomar-un-colegio/>. Acesso em: 25 jul. 2020.

SORDI, Denise N. de; MORAIS, Sérgio Paulo. “Os estudantes ainda estão famintos!” : ousadia, ocupação e resistência dos estudantes secundaristas no Brasil. **Religación**: Revista de Ciencias Sociales y Humanidades, Quito, v. 1, n. 2, p. 25-46, abr. 2016.

TERRITÓRIO LIVRE (São Paulo) (comp.). **224 ESCOLAS OCUPADAS**: contagem progressiva: 224 escolas ocupadas!. CONTAGEM PROGRESSIVA: 224 ESCOLAS OCUPADAS!. 2015. Disponível em: <http://territoriolivres.org/publicacoes/secundaristas/224-escolas-ocupadas/>. Acesso em: 27 nov. 2015.

VIDEOS

BATE-PAPO: Territorialidades e ocupações secundaristas. Realização de Adams Henrique Soares Nunes Molon, Amir El Hakim de Paula. São Paulo: Independente, 2021. (140 min.), .MP4, son., color. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=l7PrRzxd5pk>. Acesso em: 24 abr. 2021.